

**“Toda Rigidez é Condenável”:
os dois Brasis das crônicas sobre futebol de Carlos Alberto “Nego” Pessôa¹**

Guilherme MATTAR²
Christian SCHWARTZ³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

Adotando uma perspectiva sociológica, pode-se repartir o Brasil em duas vertentes relativas à formação da população nacional: a freyriana, condizente com o país como observado por Gilberto Freyre e seus pares, e a martiniana, baseada nas particularidades regionais apresentadas no Paraná e região Sul, salientadas por Wilson Martins. Em suas crônicas sobre futebol, o jornalista Carlos Alberto Pessôa consegue abranger ambas as linhas de pensamento, pendendo ora a uma, ora a outra ao longo dos textos.

Palavras-chave: futebol; Brasil; Paraná; identidade; crônica.

Introdução

A crônica esportiva brasileira ganhou corpo a partir da popularização dos meios de comunicação de massa no Brasil, notadamente o rádio. Com efeito, jornalistas e profissionais da área estabeleceram, no decorrer da primeira metade do século XX, relatos calcados, sobretudo, em impressões e aspectos imaginativos, ricos em mitos.

Nascido na Irati de 1942, Carlos Alberto Pessôa, ou simplesmente Nego Pessôa, conheceu o futebol pelas ondas da Rádio Nacional, educando-se para o futebol segundo esse cânone. Em suas crônicas publicadas nos anos 1990 e 2000 no jornal *Gazeta do Povo* e compiladas no livro *De Letra* (Travessa dos Editores, 2002), o jornalista combina aspectos da comunidade imaginada brasileira típica, oriunda da percepção idealizada de um modo próprio de praticar o esporte no país, com elementos mais apolíneos da personalidade do homem paranaense, levantados por Wilson Martins.

As questões centrais que se coloca este artigo, portanto, são: como Pessôa trabalha tais aspectos nessas crônicas sobre futebol? Como o autor consegue penetrar essas visões sociologicamente distintas no que tange ao ser brasileiro?

¹ Trabalho apresentado para conclusão do curso de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura da Universidade Positivo.

² Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFPR, email: mattar1991@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura da Universidade Positivo, email: clmschwartz@gmail.com.

O Brasil freyriano

A sociologia brasileira fomentou, entre as primeiras décadas do século XX, um processo de busca pela compreensão da formação social do país. Preocupação esta que resultou adiante em livros clássicos como *Casa-Grande & Senzala* (Gilberto Freyre, 1933), *Raízes do Brasil* (Sérgio Buarque de Holanda, 1936) e *Formação do Brasil Contemporâneo* (Caio Prado Júnior, 1942). Tal período coincide com o estabelecimento do futebol enquanto esporte de massa no território nacional, o que logo despertou a atenção de intelectuais quanto à sua relevância cultural – encarada em primeiro momento através do viés de controle, da “sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura” (FREYRE, 1947, apud FILHO, 2010, p. 25).

Na ausência de um maior envolvimento brasileiro em guerras – matéria-prima para a construção de fronteiras de identidade na formação dos estados nacionais unificados na Europa – o futebol forneceu um simulacro de conflito bélico para o qual era possível canalizar emoções e construir sentidos de pertencimento nacional. (FERNANDES, 2003, apud FILHO, 2010, p. 13).

Em 1947, seria lançada a primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*, obra do jornalista Mario Filho (prefaciada por Gilberto Freyre) a qual atrela o sucesso da modalidade – e sua melhora de qualidade prática no Brasil – ao progressivo espaço concedido pelos clubes aos atletas negros. Uma ideia advinda do “*mulatismo flamboyant*” apregoado por Freyre, quase dez anos antes, em artigo do jornal Diário de Pernambuco: “Nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e espontaneidade individual” (FREYRE, 1938 apud FRANCO JÚNIOR, 2017, p. 124).

A que se devia isso? À miscigenação cultural, atesta COUTO: “(...) tornou-se quase automática e inevitável a associação entre o ‘estilo brasileiro’ e supostas características étnicas ou culturais das populações de origem africana” (2009, p. 60). O futebol brasileiro seria um futebol mulato.

O futebol passou a ser visto como fator de integração nacional, de coesão nacional, de formação de uma identidade. Detectou-se um “estilo brasileiro” de praticar esse esporte importado da Inglaterra, e nesse estilo estariam implicadas determinadas características culturais, como a capacidade de improvisação (o “jeitinho”), a malandragem “a ginga, o “jogo de cintura”) a liberdade criativa e uma certa vocação dionisiaca”. (COUTO, 2009, p. 9).

Esta percepção ainda encontra plena forma entre os cronistas contemporâneos mais populares, como Paulo Vinicius Coelho:

O futebol é um retrato do Brasil, uma mescla de raças e culturas, mesmo num país que fala português do Oiapoque ao Chuí. Escola brasileira é buscar o gol em todas as circunstâncias, seja na Bahia, seja no Rio Grande do Sul. Escola brasileira é o drible. É esperar que o craque defina um jogo num lance mágico, como o chapéu de Pelé em Mel Charles contra o País de Gales, em 1958 (...) (COELHO, 2018, p. 11).

Nascido em 1969, Coelho não testemunhou a jogada de Pelé à qual faz referência no parágrafo acima. O que traz à tona algo sintomático do brasileiro: ao contrário da leitura de jornais e periódicos, que possibilitou a coesão nas “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 1983, apud FRANCO JUNIOR, 2017), entre os séculos XVIII e início do XX (principalmente na Europa), no Brasil esta unificação deu-se mais tarde, através do rádio e da imaginação proposta pela tradição oral.

Vários aficionados pelo esporte passaram a gostar de acompanhá-lo, em um primeiro momento, via histórias consumidas indiretamente. Comentarista com anos de atividade em diversos meios de comunicação, Juca Kfourri interessou-se pelo Corinthians ouvindo seu pai contar histórias acerca do clube (KFOURI, 2017, p. 14). No romance *O Drible*, escrito por Sérgio Rodrigues, certa passagem narra a importância do rádio na concepção nacional do futebol:

Mais de noventa por cento do público só tinha acesso ao futebol pelo rádio, e no rádio qualquer pelada chinfrim disputada em câmera lenta por perebas barriga d'água ficava cheia de som e fúria. A cada cinco minutos os narradores faziam um zé-mané qualquer aprontar um feito de deus do Olimpo. Claro que esse descompasso entre palavras e coisas era inviável a longo prazo, não tinha como se sustentar. E como obrigar a narração radiofônica a ficar sóbria estava fora de questão, restava reformar a realidade. Foi assim que o futebol brasileiro virou o que é: em grande parte por causa do esforço sobre-humano que os jogadores tiveram que fazer para ficar à altura das mentiras que os radialistas contavam. (RODRIGUES, 2013, p. 61).

O Brasil martiniano

Macunaíma – o herói sem nenhum caráter (Mário de Andrade, 1928) foi uma das primeiras obras literárias a citar o futebol, posto que de passagem. Na narrativa, o personagem-título teria inventado o esporte, definido pelo autor, a título de humor, como uma praga (ANDRADE, 2017, p. 49). Mestiço, Macunaíma personificaria o brasileiro como percebido pelos principais intérpretes sociológicos: “a figura ambivalente do bobo sabido, atrasado e precoce” (WISNIK, 2008, p. 277).

Entretanto, há quem conteste a uniformidade deste brasileiro hipotético. O sociólogo Wilson Martins, para quem querer unificar o Brasil é “erro grosseiro de observação” (MARTINS, 1989, p. 174), destaca a diferente forma de colonização vivida pela região sul, salientando a formação sociológica do Paraná em particular, para mostrar a existência de outras realidades além da apregoada por Gilberto Freyre. “(...) país de ‘realidades regionais’, o Brasil não suporta essas tentativas de unificação, que resultariam num empobrecimento e numa visão defeituosa das coisas” (MARTINS, 1989, p. 292).

Marcada pela exploração da pequena propriedade, voltada ao comércio nas cidades, a colonização paranaense contraria a visão do brasileiro pensada segundo as experiências nordestinas e do Rio de Janeiro, locais de maior utilização da mão-de-obra escrava antes da abolição no fim do século XIX. Aqui teria se dado uma “escravatura urbana, de empregadas domésticas e cozinheiros, onde não houve clima para que vicejasse o ambiente senzalesco de que temos notícia em outras regiões do país” (MARTINS, 1989, p. 130).

E se em certas regiões brasileiras o esquema da população pode ser o “triângulo retângulo” a que se referia o sr. Afonso Arinos de Melo Franco – tendo por hipotenusa o elemento português, o índio como o lado mais curto e como lado mais longo o africano – aqui a figura geométrica seria, na mais simplificadora das hipóteses, um polígono irregular de sete lados, cujas faces, em extensão decrescente e de tamanho variável, representariam os elementos polonês, ucraniano, alemão, italiano, os “pequenos grupos”, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante” (MARTINS, 1989, p. 108).

Formado majoritariamente por imigrantes da Europa Central e eslavos, este homem paranaense “comerciante e burguês por excelência, amante da ordem e da vida sossegada” (MARTINS, 1989, p. 236) adquiriu viés “mais apolíneo e clássico que romântico e dionisíaco” (MARTINS, 1989, p. 431), “muitas vezes ressentido e taciturno” (MARTINS, 1989, p. 441), “inimigo dos gestos espetaculares e das expansões temperamentais” (MARTINS, 1989, p. 446).

Os dois Brasis de Pessôa

A “comunidade imaginada” de Nego Pessôa, exemplificando pontos defendidos por Eric Hobsbawn, para quem “o indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-

se, ele próprio, um símbolo da sua nação” (HOBSBAWN, 1990, apud FRANCO JÚNIOR, 2017), vai de encontro ao ocorrido em casos mais convencionais. Como o verificado na Argentina, por exemplo, influenciado em larga escala pela disseminação do periódico *Crítica*, baseado na capital Buenos Aires, “mais popular jornal da Argentina no início do século XX e o primeiro a dar atenção constante ao futebol por lá” (SCHWARTZ, 2019, p. 8). A noção exaltada pelo jornal de que havia, desafiando a robustez pragmática e militar europeia (COUTO, 2009, p. 8), “um tal jeito ‘riopratense’, em oposição ao jogo dos britânicos” (SCHWARTZ, 2019, p. 8), cresceu no país, dando as bases ao estilo de jogo conhecido por *la nuestra*:

“Times sul-americanos tratavam melhor a bola e tinham uma perspectiva mais tática”, disse Francisco Varallo, meia-direita da Argentina na final da primeira Copa do Mundo. (...) “nosso jeito de jogar”, cujas raízes eram identificadas na *criolla viveza*, ou “esperteza nativa”. (...) o *la nuestra*, como se havia visto, podia derrotar o estilo dos gringos. (...) Entreter e fazer truques com a bola passou a ser tão importante quanto ganhar (WILSON, 2016, pp. 58-59).

Nascido em 1942, no interior do Paraná, Carlos Alberto Pessôa conheceu o futebol no período em que as rádios do sudeste – especialmente as do Rio de Janeiro – imperavam neste ponto do país. Fato que impactou sobremaneira na sua concepção do jogo, desde em se tratando do time escolhido para torcer até o modo como escreveria acerca do assunto na carreira de jornalista.

Tentarei explicar a minha paixão pelo Flu, pelo tricolor das Laranjeiras. “Sou tricolor de coração”... “Sou do time tantas vezes campeão”... desde o já remoto ano de 1950. Tinha oito anos de idade. Morava em Iraty e todos os meus amigos torciam ou pro Vasco ou pro Flamengo. Era o tempo da hegemonia carioca e da hegemonia da Rádio Nacional, PRE-8. A Rádio Nacional equivale à rede Globo de hoje. Ela não era apenas hegemônica; era onipresente. Impossível fugir à sua influência e alcance. Não lembro de ninguém que ouvisse alguma rádio paranaense ou curitibana. E como se informar sobre o futebol do estado? Teríamos de criar pombo-correio (PESSÔA, 2002, p. 68).

Reafirmando a importância da mídia do Rio de Janeiro sobre seu modo de encarar o futebol, o autor comenta na crônica *História de uma paixão (I)*, publicada originalmente em 1995, que na Irati de sua juventude “também líamos jornais e revistas cariocas. ‘O Cruzeiro’, ‘O Jornal’ (órgão líder da cadeia associada), ‘Esporte Ilustrado’ etc., etc. Como não se deixar influenciar?” (PESSÔA, 2002, p. 68).

Em relação ao clube escolhido para torcer, o Fluminense, Carlos Alberto menciona ter feito a opção “nadando contra a corrente, fungindo (sic) às pressões dos amigos” (PESSÔA, 2002, p. 68) – o que sublinha um pressuposto básico relacionado às rivalidades clônicas:

(...) a adesão a um clube de futebol é voluntária somente na aparência. Na prática, ela é condicionada pelos quadros sociais da família, do grupo de colegas, do conjunto de amigos, isto é, de subconjuntos constitutivos de uma tribo em sentido largo. Ou, então, condicionada por inversão, por reação àqueles grupos de pressão (FRANCO JÚNIOR, 2017, pp. 205-206).

Narrada na crônica *História de uma paixão (II)*, a diferenciação entre os atores envolvidos na partida em que a escolha pelo clube de coração foi feita, um clássico entre Vasco e Fluminense em 1950, vencido pelo Flu por 2 a 1, também clarifica a importância dos subconjuntos que influenciaram a opção do jornalista: “O Vasco era a própria Seleção Brasileira fardada de branco e preto e com a cruz de Malta no peito. O Flu, um time misto, improvisado, com quatro ou cinco juvenis” (PESSÔA, 2002, p. 70). A paixão de Pessôa nasceu desta vitória inesperada, temperada de emoção extra ao ser ouvida nas ondas da Rádio Nacional, e motivada pelo desempenho do goleiro Castilho, personificação da superação ao defender “mais de 50 chutes!” (PESSÔA, 2002, p. 71).

(...) seqüestrei preventivamente o rádio familiar, subi ao meu quarto, sintonizei a Rádio Nacional e esperei. (...) Minutos depois, “é dado o pontapé inicial”. Meus amigos, desde o “Kick off” só deu Vasco, só dava Vasco. (...) Ah! Rapazes! A cidadela tricolor não passava um minuto sem correr o risco de cair irremediavelmente. Mas ela era defendida pelo Castilho. E o Castilho pegava tudo, literalmente tudo. Chutes de fora da área, chutes à queima-roupa, cabeçadas mortais, bolas que se desviavam nas pernas dos beques, disparos bem colocados, tiros homicidas, chutes errados – nada passava. O grande Castilho, o imortal Castilho não deixava entrar coisíssima alguma. Era ele contra o grande Vasco. Ele praticamente sozinho contra a Seleção Brasileira! E ele venceu! (PESSÔA, 2002, p. 70).

De um lado, há em Pessôa reafirmações típicas da identidade nacional, como o mito em torno das habilidades do herói maior, Pelé:

Sim, Pelé colocou o ponto final na linha evolutiva do joguinho. Ninguém antes, ninguém durante e ninguém depois sequer chegou remotamente próximo dele. No início era o verbo! Pelé o encarnou! Pelé encarnou a perfeição! É duvidoso que qualquer outro mortal chegue a tanto! E é mais do que certo que nenhum outro mortal será capaz de ultrapassá-lo. Ou a perfeição é aperfeiçoável? (PESSÔA, 2002, p. 244).

Mas também há leituras além do naturalmente concebido pela crônica esportiva nacional. Já sobre os paradigmas que cercam o Brasil freyriano, o jornalista desafia, entre outras coisas, o alicerce que tange a ideia de futebol-força vinculada à Inglaterra campeã do mundo de 1966. Tida no Brasil como violento antônimo do modo ideal de jogar – o futebol-arte, capaz de, na vitória brasileira de 5x2 sobre a Suécia na final da Copa de 1958, embelezar-nos e nos munir de “um irresistível *élan vital*” (RODRIGUES, 1993, p. 74) – tal faceta é vista pelo autor sob outro prisma, tecnicamente interessante:

Toneladas de papel foram gastas numa controvérsia que opôs os amantes do “futebol-arte” aos recém-convertidos ao “futebol-força”. Quanta besteira se escreveu de ambos os lados, meu Deus! (...) Treinadores, preparadores físicos passaram a entendê-lo e praticá-lo como se fosse sinônimo de violência, de pancada, de socos e pontapés e cotoveladas. Obviamente o original não permitia deduzir tal licenciosidade. O que vimos e admiramos nos campos ingleses? Uma luta incansável pela posse da bola; uma infatigável movimentação; um dinamismo espantoso; uma intensidade incrível. (...) As imaginárias linhas demarcatórias, as fronteiras entre “backs” e “forwards” foram borradas para sempre. (...) As tarefas de atacar e defender foram redistribuídas irmanamente entre os onze. Todos atacam e todos defendem. O que isso tem a ver com força? Nada. O que isso tem a ver com violência? Nada (PESSÔA, 2002, p. 54).

Ao passo que circunda ambos estes brasis, o próprio estilo do autor desafia preceitos que o colocariam exclusivamente em uma ou outra categoria. Por mais que Wilson Martins classifique, como visto anteriormente, o homem paranaense como mais apolíneo que dionisíaco (MARTINS, 1989, p. 431) e “inimigo dos gestos espetaculares e das expansões temperamentais” (MARTINS, 1989, p. 446), o iratiense de nascimento Carlos Alberto Pessôa apresenta fortes traços da cordialidade abordada por Sérgio Buarque de Holanda ao falar do homem brasileiro (COUTO apud HOLANDA, 2014, p. 176).

Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, Ô! Dá-lhe, Atlético! Dá-lhe, Atlético! Entoadado por 23 mil pessoas, o pacífico refrão transforma-se num poderoso, estimulante e contagiante grito de guerra. Resistir? Mais rodado que velho táxi, sinto discreto arpejo e me esforço para não ceder à tentação de engrossar o monumental coro – potencializado pela especialíssima acústica do Uuu! Caldeirão! Uuu! Caldeirão! Uuu! Caldeirão! Revivido pelo gigantesco uníssonos, as palavras mágicas do ritual primitivo anunciam a cerimônia sacrificial. Capaz de transportar mediúnicos, sinto-me como bom cristão a caminho da arena do Coliseu. Respeito fundo, faço o sinal da cruz e, antes de encarar a massa anônima e ululante, desperto do transe Furacão, ê-ô! Atlético, ô-ô (PESSÔA, 2002, p. 14).

As fronteiras entre jornalista e torcedor na crônica *À torcida rubro-negra*, de 1996, ficam inegavelmente borradas ao comentar uma vitória do Athletico sobre o Palmeiras, válida pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro daquele ano. Característica bem ao feitio sanguíneo, emocional, do “homem cordial” abordado por Buarque de Holanda.

Toca pro Jean! Toca pro Jean! Grito inutilmente, Alberto ouve outra voz. E lança o centro. Altíssima, a bola passa sobre os zagueiros e é colhida pelo Oséias com um frontão disparado à queima roupa, de cima para baixo. Mortal. Não é mole, não! Nem o diabo ganha Aqui no Caldeirão (PESSÔA, 2002, p. 14).

Em *Desatinos I e II*, textos originalmente de 2000, o autor lança mão do formato de poesia e de liberdades técnicas, como gírias locais, para exprimir ideias também mais

próximas do espírito de torcedor e suas brincadeiras, em detrimento da objetividade pura e simples, ao tratar do Coritiba:

AS CORES / Alvi e Verde / Verde e Branco / Branco e Negro / NegroBrancoVerde / VERDENEGROBRANCO / BrancaCoxa / CoxaVerde / VerdeCoxa / CoxaNegra / NegraBranca / COXABRANCA / AlviVerde / VerdeBranco / BrancoNegro / E VERDE! / Que te quero verde / VERDEBLANCONEGRO / * / AS PALAVRAS / Cori! Cori! Cori! / cori de ...ripa / e de “sarafó”. / Mil hinos no / antecessor Censo. / Sucessão de insucessos / relegados à roedora / crítica dos ratos. / Dos olvidáveis versos / memorável um apenas: / Oh! Glorioso! / Como é bom te ver / campeão de novo. / É o que fica! / É o que basta! (PESSÔA, 2002, pp. 12-13).

Em relação a outro dos cânones da identidade brasileira construída em torno do futebol – a vitória de 4x1 sobre a Itália, na decisão mundial de 1970 –, Pessôa salienta também uma visão particular, crítica. No primeiro parágrafo desta crônica, escrita em 1995 e intitulada *Um crime de lesa-majestade*, o cronista adiciona o ponto de partida habitual ao contar sua reação, quando anunciada a reexibição da famosa partida na TV: “Vibrei. Chamei meu filho, Alexandre, e depois de larga exposição perorei: “Você vai ver o que é futebol!” No dia certo, na hora exata, nos plantamos à frente da telinha...” (PESSÔA, 2002, p. 87). O ritmo arrastado da peleja acabou desagradando aos dois, “derrubando o Alexandre no 16º minuto do primeiro tempo. (...) Irritado, indignado acordei o Alexandre e fiz a frase: ‘Jogo de Sêniores!’ Ele riu e voltou a dormir” (PESSÔA, 2002, p. 87).

O caso de Pessôa e o filho assistindo à final de 1970, e da escolha de Nego por torcer pelo Fluminense em 1950, remete ao papel da imprensa como balizadora da “experiência dos espectadores dos jogos e (...) sua identidade pelo futebol, informada tanto pela ação vista em campo a cada momento quanto por mitos e memória coletiva que a imprensa tratava de perenizar” (SCHWARTZ, 2019, p. 12). No caso da Inglaterra, este papel da imprensa auxiliou o país a articular uma identidade em torno do futebol a partir do final do século XIX, pois várias regiões tinham códigos de regras diferentes e, assim sendo, necessitavam de jornais promovendo uma “sequência contínua e comparável de eventos que eles pudessem narrar, uma vez que o futebol crescia em popularidade” (SCHWARTZ, 2019, p. 12). No que diz respeito ao Brasil, as características da imprensa de massa (o rádio em vez dos jornais, como na Inglaterra) balizaram a formação de mitos de difícil contestação.

São poucos os registros de algo que, para o futebol brasileiro, equivalha a uma gênese do “jeito brasileiro de jogar”. É possível, contudo, assistir ao Brasil de 1958 – talvez

nosso momento definidor (...). Sugiro a íntegra da final Brasil 5 X 2 Suécia, disponível no Youtube, apenas como confirmação de que, com olhos neutros, o que se vê são aqueles dois excepcionais de sempre – Garrincha e, sobretudo, Pelé – contra suecos bastante bons tecnicamente, à altura dos demais brasileiros (à exceção, talvez, de Didi) (SCHWARTZ, 2019, p. 13).

É o que constata Pessoa sobre o suposto auge da seleção cuja escalada de vitórias fora acompanhada aos berros, pela euforia coletiva de todo o país (RODRIGUES, 2013, p. 54), e que ele lembra decepcionado, no que chamou de “crime de lesa-majestade” (PESSÔA, 2002, p. 87-88), ao rever a partida em vídeo:

Meus amigos, à medida que a bola rolava pra lá e pra cá crescia o desconforto do escriba. Os 22 jogadores simplesmente andavam pelo magnífico gramado do Estádio Azteca, levavam uma eternidade para passar da defesa ao ataque e vice-versa. Os espaços pareciam dilatados e eram preenchidos em câmara lentíssima. Uma chatice, um tédio (...). ...resisti até o 30º minuto, quando então fui vencido pelo sono. Que vergonha, que vexame! Quando acordei, o “maior espetáculo da terra” tinha passado. (...) Não perdoei essa falseta da minha memória. E passei a atacar a inesquecível seleção (PESSÔA, 2002, p. 87).

Pessoa consegue, em seus textos, percorrer ambos os brasis: tanto o freyriano, confirmando certas bases que tecem o imaginário do futebol brasileiro, quanto o martiniano, desafiando determinadas ideias bem aceitas no país de âmbito geral.

“Toda rigidez é condenável”: considerações finais

Essa é, por fim, a característica da obra de Pessoa que poderia resumi-la: um conceito sintetizado na máxima de que “TODA RIGIDEZ É CONDENÁVEL” (PESSÔA, 2002, p. 58), conforme ele explica na crônica *Tese, antítese e síntese (final)*, de 2000.

TODA RIGIDEZ É CONDENÁVEL. Porque sabe à morte, cheira à morte – se aproxima da morte. No futebol, toda rigidez é burra... pois cadavérica. No pequeno universo do futebol, no mundinho do velho e rude esporte bretão, “no hay que endurecer”, “hay que ser moldeable, elástico, flexible” (PESSÔA, 2002, p. 58).

Em outras palavras, evitar obedecer a preceitos de maneira perene, buscando certa maleabilidade. Nas crônicas que analisamos neste artigo – retiradas da coletânea *De Letra*, publicada pela Travessa dos Editores em 2002 –, Pessoa reafirma essa máxima, não só em relação a suas preferências futebolísticas, mas à própria possibilidade de ver mais de uma identidade onde uma leitura mítica das “comunidades imaginadas” do futebol comportaria apenas uma essência imutável.

Carlos Alberto Pessôa relaciona-se com os brasis freyriano e martiniano também com maleabilidade. Há produções textuais em que se alinha à comunidade imaginada brasileira construída em torno do futebol, enaltecendo mitos paradigmáticos do nosso esporte, mas também existem, conforme visto nos exemplos das páginas anteriores, crônicas em que esse cânone é bastante criticado pelo autor. Da mesma forma, nem sempre Pessôa reconhece o lado apolíneo do homem paranaense observado por Wilson Martins, acrescentando temperos cordiais e opiniões fortes aos seus textos.

Para Nego, com efeito, não há dogmas, por mais míticos, freyrianos ou martinianos que eles possam vir a ser. “Sempre de acordo com as circunstâncias. ok?” (PESSÔA, 2002, p. 58).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Barueri: Novo Século Editora, 2017.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Escola brasileira de futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- COUTO, José Geraldo. **Futebol brasileiro hoje**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- KFOURI, Juca. **Confesso que perdi: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.
- PESSÔA, Carlos Alberto. **De letra**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002.
- PESSÔA, Carlos Alberto. **O velho e rude esporte bretão**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHWARTZ, Christian. **Narrativas do estilo**: uma história das fronteiras nacionais pelo futebol. No prelo 2019.

WILSON, Jonathan. **A pirâmide invertida**: a história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.